

GÊNEROS TEXTUAIS EM SALA: DO RECONHECIMENTO
À PRODUÇÃO ESCRITA

Cristina Yukie Miyaki FUCHS (PUCPR)
Maria Cristina MONTEIRO (PUCPR)

ABSTRACT: *This article investigates the concept of textual genres, its social function and its role in education. It is also a didactic and clear exposition on this subject when used in class and in written production by the professors. This text identifies how these genres are produced and received by interlocutors.*

KEY WORDS: *Textual genres; social and communicative aspects; written production.*

Um questionamento muito comum entre professores de língua materna do ensino básico refere-se ao trabalho com os textos no cotidiano escolar. Como diferenciar os gêneros textuais? Quais seriam os mais indicados para serem introduzidos nos estudos de cada série do ensino fundamental e do médio? Que abordagem utilizar no trabalho com os gêneros da oralidade e da escrita em busca de adequá-los às diferentes séries de cada um dos ciclos?

Pretende-se, neste texto, a partir desses questionamentos que não apenas desafiam o trabalho do professor de ensino básico, mas de todos os que pesquisam sobre a noção de gênero nos termos como recentemente está posta, investigar o conceito de gênero textual, sua função social e o seu papel no ensino, bem como elucidar, para o professor, os passos para uma exposição didática e clara sobre os gêneros em sala. De modo especial, discutir alguns indicativos de como selecionar, agrupar e reagrupar textos dentre uma diversidade de gêneros, que efetivamente possam contribuir para que a produção escrita não seja entendida como uma tarefa escolar na qual as situações escolares ditam as regras de produção/recepção de textos, mas sim apreendida do fato de que os gêneros emergem de verdadeiras situações de comunicação e que as atividades propostas estejam o mais próximo dessa concepção.

A preocupação em pesquisar, descrever, explicar e ensinar diferentes gêneros textuais vem sendo, a partir das duas últimas décadas, abordada dentro das diferentes tendências teóricas já estruturadas na Lingüística. Essa expansão pode ser verificada numa vasta produção científica que vem sendo publicada não somente em livros, mas em forma de artigos publicados em revistas especializadas e anais de congressos realizados por todo o Brasil. Numa retomada sucinta é possível estabelecer alguns apontamentos.

A partir dos anos de 1980, os postulados teóricos das ciências lingüísticas (a sociolingüística, a psicolingüística, a lingüística de textos e a análise do discurso) passaram a ser uma constante no ensino da língua materna. Este objeto de estudo e ensino começou a sofrer modificações, graças às novas concepções de língua, linguagem, oralidade e escrita, variação lingüística, texto e discurso. Mais recentemente, década de 1990, com os estudos sobre o desenvolvimento das habilidades textuais, passa-se a reconhecer a língua, tanto a oral quanto a escrita, como uma forma de enunciação e discurso; aquele que fala e escreve é um sujeito, em um contexto social e histórico específico, numa situação comunicativa bem determinada, e interage com um interlocutor que também é sujeito, ou seja, não é um elemento passivo e sem interação, como previam as antigas teorias da comunicação.

Sabe-se, assim, que a comunicação se dá através de processos interativos, dos quais os interlocutores participam, mediante o uso de gêneros textuais, que serão caracterizados a seguir.

1. O gênero textual em foco, sua composição e transmutação

Os enunciados orais e escritos estão presentes em todas as atividades humanas. Eles são fenômenos históricos, estabelecidos cultural e socialmente: os gêneros textuais. Quando os integrantes das diversas esferas da atividade humana elaboram seus enunciados de forma particular, visam a efetivar situações comunicativas diversas em seu cotidiano, logo, os gêneros assumem um papel específico, uma função social concreta, real. Assim, para Bakhtin (2000:279), quando os enunciados são considerados isoladamente, eles realmente são individuais.

Apesar dessa constatação, é claro também que os enunciados são tipos relativamente estáveis, elaborados pelas várias esferas de utilização da língua. Essa estabilidade advém de características pertinentes a cada gênero, ou seja, sua função, sua organização composicional e o canal comunicativo ou suporte utilizado para sua veiculação. Em cada área de atividade humana há um repertório de gêneros específicos, os quais se desenvolvem e se modificam à medida que essa esfera de atividade se amplia. Desta forma, tornam-se perceptíveis a riqueza e a heterogeneidade dos gêneros textuais em todas as sociedades. Desde um

telefonema, uma carta comercial ou pessoal, um sermão, uma aula expositiva, uma piada, um edital de concurso, uma réplica no diálogo cotidiano, até uma resenha, um bate-papo virtual, um romance, uma tese de doutorado, enfim, uma extensa exemplificação de gêneros de texto.

Fica claro que a comunicação verbal em uma sociedade sempre se efetivará por meio de algum gênero textual, pois a língua é uma forma de ação, tanto social quanto histórica. Marcuschi (2002:22), assumindo uma postura teórica sócio-interativa da língua, reforça que os gêneros se constituem como ações sócio-discursivas, pois agem sobre o mundo e dizem o mundo através de si, logo, constituem-no de alguma forma. Reconhecendo o problema da distinção entre gêneros e tipos textuais, caracteriza-os da seguinte maneira: o tipo textual designa “uma espécie de seqüência teoricamente definida pela natureza lingüística de sua composição”, não são textos empíricos, mas seqüências de enunciados componentes dos gêneros, e se classificam como tipo narrativo, argumentativo, descritivo, injuntivo e expositivo; o gênero textual, por sua vez, é uma realização lingüística concreta, que cumpre funções em situações comunicativas e que se apresenta como um conjunto praticamente ilimitado de designações (cardápio, bate-papo virtual, receita culinária, bula de remédio, inquérito policial, resenha, conferência, entre centenas de outros exemplos), determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.

Esses conceitos nos remetem a alguns questionamentos. Afinal, o que cada enunciado, ou gênero textual, reflete? Um gênero pode transmutar-se em outro? E, como os gêneros se caracterizam por aspectos sócio-comunicativos funcionais, é possível desprezar a forma composicional e o canal na sua caracterização?

Os gêneros textuais refletem as condições e as finalidades específicas de cada esfera da atividade humana; lá constituem-se gêneros justamente pela função desempenhada nas situações comunicativas cotidianas, e essa função é única e concreta. Também é certo que todo gênero textual reflete um conteúdo temático delimitado, veiculado por canais de comunicação ou suportes específicos, além de sua construção composicional, que ajuda a garantir a relativa estabilidade de cada gênero de texto.

A transmutação de um gênero a outro é algo já defendido por Bakhtin (2000:283), na década de 50, quando postulou que os novos gêneros não eram inovações absolutas, pois ancoravam-se em gêneros pré-existentes. Defendia a identidade própria de cada gênero, apesar de sua ancoragem em modelos já existentes.

Por fim, é certo que os gêneros se caracterizam por aspectos sócio-comunicativos funcionais, no entanto, não somente a eles se atribui o papel de determinar os gêneros. Marcuschi (2002:21) menciona que se um determinado texto é veiculado numa revista científica, o gênero a ele atribuído será o de “artigo científico”, no entanto, se esse mesmo texto, com o mesmo tema, for veiculado em um jornal diário, sua denominação será de “artigo de divulgação científica”, um gênero textual distinto.

No trabalho com os diversos gêneros textuais em sala, é preciso sempre ter em mente sua função social, que se efetiva, cotidianamente, nas esferas distintas da atividade humana, as quais são tão concretas e reais quanto as situações sócio-discursivas de comunicação. Como cidadão, e não apenas como aprendiz, nosso aluno necessita ser competente para perceber (na prática, e não na teoria) por quê, como, onde e quando faz uso dos gêneros textuais em sua vida.

2. Os gêneros textuais em sala

À medida que avançamos sobre questões teóricas e práticas desta nova área de pesquisa e ensino da linguagem, novos desafios se apresentam. Entre esses merece atenção especial a questão de como lidar com o texto em si e sua relação com o contexto em que ocorre.

Segundo Bonini (2001:10), a noção de gênero como vem sendo pensada, a partir do final da década de 80 e no decorrer dos anos 90, aparece no contexto atual das discussões sobre ensino de língua como conteúdo que possibilita reunir vários dos resultados de pesquisas e de reflexões anteriores já concebidos como consensuais na área. Os PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997, 1998a, 1998b), à parte as críticas a eles endereçadas, aparecem, então, como um excelente documento de síntese destes pontos, estruturando uma proposta de ensino que em sua maior parte é bastante coerente.

Se para o professor o trabalho com gênero vem sendo proposto por estudos de diferentes esferas e de certa forma institucionalizado pelos PCN, é possível acreditar que o tema “gêneros textuais” seja uma novidade para nossos alunos, quando chegam à escola? É claro que não. E a explicação mais óbvia não está no fato de o professor estar preparado para a realização deste trabalho, mas no fato de que a criança, desde cedo, já domina as habilidades de produção do texto oral, ou seja, para se comunicar oralmente faz uso de gêneros textuais diversos da oralidade: o telefonema, o lembrete oral, a piada, a conversação espontânea, o questionário oral.

A criança já apresenta representações sobre a leitura e a escrita, convive com pessoas que lêem e escrevem em situações sociais distintas, identifica diferentes situações de interação com o texto oral e o

escrito, logo, ela já interage também com vários gêneros textuais da oralidade e alguns da escrita. Quando vem para a escola, traz consigo automaticamente todas essas experiências intermediadas pelo texto.

Ao abordarmos os gêneros textuais, simultaneamente, necessitamos identificar a esfera de atividades em que eles se constituem e atuam, como também o modo como são produzidos, circulados e recebidos pelos interlocutores. Logo, o papel do professor é fundamental no momento de seleção dos gêneros a serem trabalhados em sala. É necessário o conhecimento de que os gêneros textuais são determinados culturalmente, eles circulam em distintos contextos culturais e são configurados por normas e convenções, as quais nossos alunos, como cidadãos agentes em situações comunicativas distintas, necessitam conhecer. É importante também esclarecer que cada gênero, dependendo das intenções do emissor, das características do interlocutor a quem se dirige e do canal comunicativo em que é veiculado, exigirá um modo específico de usar a língua. Portanto, a apropriação de gêneros distintos deve ocorrer por intermédio da criação de situações naturais e reais, sempre que possível.

Por outro lado, em termos do ensino, os estudos individualizados e centrados nos gêneros mais conhecidos, fazem com que haja, atualmente, grande carência de subsídios para a diversificação dos textos e das práticas de linguagem em sala de aula, exigindo pesquisas comprometidas que revisem não só os encaminhamentos teórico-metodológicos dados aos gêneros mais estudados, mas que se empenhem na descrição criteriosa dos gêneros menos estudados.

Leituras outras à parte, há de se considerar que nos PCN (Brasil, 1997, 1998a, 1998b), há o indício de que o tratamento social dado ao gênero não está no discurso, mas nas instâncias sociais, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. Embora tal entendimento indique uma linha teórico-metodológica de trabalho com gênero em sala de aula bastante inovadora, ainda esse trabalho vem recebendo tratamento bastante formalista, pois se muitas vezes nem dão conta das marcas estruturais do gênero, pouco se exploram as condições de produção em que os gêneros são construídos e praticados, caracterização dos interlocutores, bem como das relações que se estabelecem entre falante/escritor e ouvinte/leitor.¹

3. A seleção dos gêneros a serem ensinados: diversidades e arranjos

Os documentos que se propõem a discutir a importância de se trabalhar a língua portuguesa, a partir de uma abordagem do ensino via gêneros, apresentam certa unanimidade ao afirmar que a diversidade de gêneros, com a qual os alunos devem tomar contato durante seu período de escolarização, terá significativa contribuição para o efetivo desempenho sócio-comunicativo que exercerão em sua vivência.

Os PCN de ensino fundamental (1998b:24) apontam alguns indicativos para a seleção de textos:

Sem negar a importância dos textos que respondem a exigências das situações privadas de interlocução, em função dos compromissos de assegurar ao aluno o exercício pleno da cidadania, é preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos da linguagem. Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas de pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição estética dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para a plena participação numa sociedade letrada.

Ao considerarmos que os gêneros a serem ensinados na escola não são mais um “conteúdo” dependente da redação ou da literatura, sua escolha, segundo Bonini (2001), necessita partir de princípios mínimos, cuja instância social a ser abordada, levem o aluno em consideração, a fim de:

- i) possibilitar-lhe a construção de uma ação de linguagem até certo ponto condizente com a sua realidade e com os seus objetivos pessoais; ii) propiciar-lhe uma comparação entre os recursos de linguagem que já usa e os que estão sendo apreendidos, de modo a ampliar-lhe o conjunto

¹ Sugerimos a leitura de BONINI, A. *Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas*. Trabalhos em Linguística Aplicada, n. 37, p. 7-23, 2001b, que apresenta detalhada análise sobre tal pauta e COSTA VAL, Maria da Graça. *Atividades de produção de textos escritos em livros didáticos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental*. In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

de experiências com a linguagem; e iii) estarem minimamente adequados às suas possibilidades de apreensão, suas vivências, gostos e ao seu grau de maturidade.

Partindo-se dessas reflexões, parece ser unânime entre os estudiosos que a seleção de textos, que embasarão as habilidades de linguagem que se quer desenvolver, deve proporcionar ao aluno uma ação social efetiva, abranger variedades de experiências discursivas numa graduação ascendente (do usual ao menos usual) e adequar-se às diferentes experiências vivenciadas pelo aluno.

Segundo Biasi-Rodrigues (2002), também não podemos deixar de citar que, em última instância, cabe ao professor propor atividades que promovam a ativação do conhecimento de gêneros estabelecidos socialmente e na comunidade discursiva do aluno, por meio de exercícios de análise e reconhecimento das propriedades comunicativas e formais de cada um, realçando seus efeitos comunicativos, em função dos interlocutores nas situações concretas de comunicação. Sem isso, a escola corre o risco de continuar incorrendo na artificialidade das produções textuais, executadas como tarefa escolar e destinadas a um único leitor, o professor-avaliador.

O que, entretanto, inquieta o professor e o faz questionar esse “novo” encaminhamento teórico-metodológico em relação ao ensino-aprendizagem da língua portuguesa e, muitas vezes, sentir-se incompetente, é justamente saber quais gêneros selecionar e de que modo “reuni-los” em unidades significativas para que os exercícios de análise e reconhecimento das propriedades comunicativas e formais de cada um, realçando seus efeitos comunicativos, em função dos interlocutores nas situações concretas de comunicação, passem a efetivamente contribuir para o crescimento lingüístico do aluno.

Como um conjunto de textos – com temas atuais e significativos, de diversos tipos e gêneros - pode ser articulado de modo a propiciar ao aluno atividades que contribuam para a melhoria das habilidades de leitura, produção de textos (orais e escritos), análise e sistematização dos conhecimentos lingüísticos? Afinal, as práticas mencionadas devem contribuir para que o aluno não apenas reflita sobre os usos e as funções que a língua oferece, mas efetivamente as incorpore em sua práxis.

As unidades textuais, ao estabelecerem a relação tipo/gênero/suporte/domínio discursivo/eixo temático, podem se organizar de diferentes formas.

Para tanto, propomos algumas possibilidades de “arranjos” para a organização de coletâneas de textos, a fim de que os alunos, ao analisarem os conteúdos temáticos, as estruturas composicionais e o estilo de diferentes gêneros, possam melhor alicerçar a construção de seus próprios textos, seja ela realizada por meio de atividades que são apresentadas ao longo do trabalho com o texto, seja ela proposta como atividade de expressivo realce no fechamento da unidade.

Eis algumas possibilidades aqui apresentadas de forma pontual, mas que trazem subjacentes toda a discussão teórica nuclear discutida anteriormente:

1. Reunir textos de diferentes gêneros articulados em torno de um mesmo eixo temático e/ou de temas afins (o que é predominante nas coletâneas dos manuais didáticos “recomendados” – basta-se consultar o Guia do Plano Nacional do Livro didático 2004)²

2. Reunir textos abordando diferentes temas, através da estrutura composicional de um mesmo gênero.

3. Reunir textos de diferentes gêneros e diferentes temas, mas veiculados num mesmo canal comunicativo.

4. Reunir textos, cujos gêneros se articulam em torno de um gênero maior, isto é, “subgêneros” X “gênero”.

5. Reunir textos que permitam, a partir de diferentes gêneros, explorar a(s) seqüência(s) tipológica(s) predominantes em sua caracterização.

6. Reunir diferentes textos de um mesmo gênero, a fim de se explorar a diversidade de seqüências tipológicas.

4. Uma experiência: resumos e resumos

A fim de que nosso aluno seja competente para perceber, interpretar e analisar com criticidade os gêneros textuais que o rodeiam, em seu cotidiano, é fundamental que em sala de aula o professor, empiricamente, auxilie-o nesta tarefa.

A partir de um núcleo temático comum aos alunos, e que lhes seja de interesse, parte-se para a análise de gêneros distintos. Verifica-se sua função social segundo necessidades claras e perceptíveis dos

² O Guia do Plano Nacional do Livro didático 2004 está disponível no site <http://www.mec.gov.br/sef/fundamental/avaliv.shtm>.

interlocutores; observam-se as características desses interlocutores e com que intenção a situação comunicativa se estabelece, além de onde, como e por quê; dedica-se atenção à estrutura composicional de cada gênero, observando-se as informações imprescindíveis e aquelas facultativas, sua disposição ou lay-out; e, é claro, analisam-se o nível de linguagem empregado, o vocabulário selecionado, enfim, os recursos lingüísticos fundamentais para que o gênero cumpra com o seu papel sócio-comunicativo.

Um tema bastante recorrente entre os pré-adolescentes, neste segundo semestre de 2004, é *Rei Arthur*. Esta volta aos clássicos foi observada em lançamentos de filme e obras adaptadas, em informativos de revistas e jornais, em sites da internet, e nos programas televisivos voltados ao público *teen*.

Com base nesta temática, o professor pode solicitar, por parte dos alunos, a seleção de gêneros, com os quais têm contato, a fim de que a prática de análise e futura produção textual escrita ocorra. No entanto, para que esse levantamento não se estenda demais e, ainda, a fim de contemplar a ementa da disciplina de língua portuguesa, o professor selecionará, por exemplo, o assunto *Resumo*. Em que gêneros textuais de nosso cotidiano observamos que o *resumo* está presente?

Acompanhando de perto a leitura do artigo *Revisitando o conceito de resumos*, de Ana Raquel Machado (2002), que se propõe a uma interessante discussão a respeito do “resumo”, ora enquanto parte constitutiva de alguns gêneros, ora como forma autônoma, ora como subgênero de *resumo* e ainda como gênero *resumo* propriamente dito, propusemos organizar uma coletânea de textos que mantendo um eixo temático, transitam por diferentes gêneros que se utilizam do *resumo* nas diferentes esferas já apontadas.

Foram selecionados três textos que apresentam como abordagem comum a história de *Rei Arthur* (ver anexos):

1. Um folheto de programação de filmes da empresa Cinesystem, referente ao período 17/09 a 23/09/04.
2. Um texto da sessão “roteiros”, apresentada aos domingos no Caderno G, do jornal *Gazeta do Povo* – de 19/09/04.
3. A contracapa do livro *Rei Artur*, adaptado por James Riordam, publicado pela Editora Ática, 2003.

Segundo Machado (2002:138), tanto no contexto escolar quanto não escolar, os usos sociais dos resumos de texto ocorrem em quantidade muito significativa e são muito diversos, na mídia impressa e também na digital.

Pensando no *resumo*, tanto como gênero único quanto como parte constituinte de um gênero, os alunos encontrarão, nos vários cinemas da cidade, pequenos panfletos que divulgam a programação, normalmente semanal, dos filmes em cartaz. A Cinesystem é uma das redes de cinema que divulgou o seguinte gênero:

Este panfleto de programação de filmes, no qual uma das opções é ‘*Rei Arthur*’, tem por objetivo ser sintético e o mais comunicativo possível. Em um tamanho de 14cm x 21cm, ele divulga informações sobre 11 filmes em cartaz, além dos valores diferenciados dos ingressos de acordo com os dias da semana e horários distintos, o endereço, o telefone, o site, dados sobre o estacionamento gratuito, e o espaço dos anúncios de patrocinadores.

O aluno observará, já no primeiro olhar, que o objetivo central desse gênero não é apresentar o *resumo* de cada filme. Verificará que ao lado da imagem do filme ‘*Rei Arthur*’, que ocupa um terço do espaço para a sua divulgação, aparece em destaque o título (letras em caixa alta e com tamanho triplicado). O restante das informações aparece em letras de tamanho minúsculo, logo abaixo do título. As informações constantes são o título na língua de origem, a censura, a classificação do filme (drama), o ano da produção, a língua em que as cenas foram filmadas, o nome dos principais atores. Abaixo, uma frase, em negrito, que deveria representar uma síntese da história: “Arthur decide permanecer na Bretanha, na intenção de liderar a ilha contra ameaças externas e para uma nova era de glórias.” Após um espaçamento, aparecem dispostos os dias e horários em que o filme está sendo exibido.

É importante perceber que a função social desse gênero, folheto de programação dos filmes, é o de divulgação publicitária; é por isso que ele necessita ser tão atraente. As cores, as imagens sugestivas, o destaque e a caracterização dos atores principais, tudo convida o interlocutor (a quem se dirige esse gênero) a assistir ao filme. Lembre-se que o emissor é a rede de cinemas, e o seu objetivo é conquistar o público espectador.

A síntese em negrito diferencia-se de um *resumo*. Com palavras-chave como *decide*, *liderar*, *ameaças*, *nova era* e *glória*, tenta convencer o leitor de que encontrará os ingredientes esperados em um filme dessa categoria. A princípio, o que muda de um filme para outro é o nome da personagem e do local. O nível de linguagem é o dos meios de comunicação de massa. Verifica-se também que os elementos constitutivos do *resumo* tipicamente escolar, com a reprodução do discurso de narração da obra resumida, não são o objetivo desse gênero, cujo público é mais amplo, não se restringindo a estudantes do ensino fundamental, observação à qual nosso aluno deve chegar.

Partindo para outro gênero, analisamos uma seção chamada Roteiros, inserida no Caderno G do jornal impresso Gazeta do Povo. Seu objetivo é apresentar os filmes em cartaz e as estréias que ocorrem no final de semana. O filme 'Rei Arthur' aparece entre os estreados. As informações são apresentadas de maneira muito semelhante à do gênero folheto de programação. O nome do filme surge em negrito. Na linha de baixo, entre parênteses, o título na língua de origem do filme, o país em que foi produzido e o ano de lançamento. Após, são apresentados os nomes dos principais atores e do diretor. Em seqüência, aparece a frase síntese, com um detalhamento um pouco maior. Além do nome do protagonista Arthur, personagem principal, surgem o de Guinevere (heroína) e dos Cavaleiros da Távola Redonda, fundamentais para o desenvolvimento da trama. Marcas de temporalidade e seqüência cronológica também são reforçadas, através do advérbio 'antes', e da expressão 'acaba fazendo com que', indicativa de conseqüência em relação a uma ação anterior.

Após a frase-síntese, aparece a classificação do filme. É interessante observar que, enquanto o folheto de programação o classifica como Drama, o roteiro do jornal o enquadra como Aventura. Poderíamos aceitar a dupla classificação para o mesmo filme? Quais os limites entre uma classificação e outra? Esse é um questionamento relevante para que o aluno perceba a flutuação de algumas classificações, e também os diferentes enfoques daqueles que classificam o filme.

As informações seguintes são a duração do filme, sua censura, os locais e horários das sessões e, por último, a classificação do filme, que varia de excelente a fraco, ou ainda não-avaliado.

À primeira vista, ambos os gêneros seriam idênticos, pois apresentam os dados mais relevantes do filme e a oferta de sessões para assisti-lo. Atenção, no entanto, para os interlocutores. Ambos os gêneros são direcionados a receptores interessados em filmes, mas o gênero que aparece na seção Roteiros, além de informar, quer também sugerir e avaliar. As classificações de indicação do filme, que variam de excelente a regular, ou ainda, fraco, podem motivar ou desestimular totalmente o espectador. A princípio, o que interessa ao escritor da seção Roteiros é orientar o leitor do jornal impresso, não importando se ele assistirá ou não ao filme. Sabemos que não é essa a intenção daquele que produz a programação do cinema.

Outro elemento composicional relevante é o layout. Verifica-se que o texto do jornal impresso apresenta um pequeno destaque para o título e um parágrafo recuado para os locais e sessões do filme. Todos os dados estão em preto e branco. Isto o diferencia drasticamente do gênero anterior, folheto de programação de filmes, no qual explora-se mais enfaticamente a linguagem não-verbal: cores em contraste, imagens, fotos, símbolos e signos diversos. Afinal, atrair a atenção do leitor e motivá-lo a assistir aos filmes é fundamental.

Um terceiro gênero, no qual a síntese também estará presente, é a contracapa de livros paradidáticos como a obra 'Rei Artur', da editora Ática, lançada em 1998.

A função do texto presente na contracapa está praticamente padronizada socialmente. No caso dos paradidáticos, a síntese é parcial, pois seu objetivo é apresentar os dados relevantes da obra necessários para despertar o interesse à leitura. Jamais contará o final da história, o que é previsível nos resumos escolares.

É importante o aluno perceber que ele é o interlocutor a quem se dirige o texto, quem se quer convencer. E que o emissor, produtor dessa síntese, normalmente é a própria editora da obra, cujo objetivo é divulgá-la e vendê-la.

Observe-se que a contracapa não traz apenas a síntese incompleta da obra, mas também um parágrafo de apreciação sobre a saga do rei Artur, o período dos cavaleiros e o encantamento que a história proporciona. É um parágrafo que visa completar a tarefa de convencimento do leitor, a fim de que aprecie a obra.

Quanto ao layout, as características comuns aos gêneros de divulgação comercial de grandes editoras estão presentes: um visual despoluído, o colorido empregado com bom gosto, o contraste entre as letras e o fundo, a imagem do personagem central, a qualidade do papel, entre outras características. Quanto ao texto, as informações são apresentadas de modo claro e coeso, seguindo a norma padrão da língua, ao alcance dos alunos do ensino fundamental.

5. A produção escrita dos gêneros textuais

Diferenciar os gêneros textuais pela sua função e pelo seu papel histórico, social e cultural nas situações de comunicação, nas diversas esferas da atividade humana, é fundamental, no entanto, isso não garante que a produção textual escrita desses gêneros seja eficaz.

Para Soares (2001:53), o aluno é um sujeito que aprenderá a escrever atuando com a língua e também sobre ela: "aprende a escrever agindo e interagindo com a língua escrita, experimentando escrever, ousando escrever, fazendo uso de seus conhecimentos prévios sobre a escrita, levantando e testando hipóteses sobre as correspondências entre o oral e o escrito".

O aluno-escritor certamente enfrentará dificuldades, em maior ou menor grau, no processo da escrita dos gêneros textuais, mas com a orientação do professor poderá superá-las. Este deverá estar atento

aos desvios lingüísticos e de estruturação que o aprendiz apresenta na composição dos gêneros que visa a escrever, deixando sempre clara a função sócio-histórico-cultural desempenhada pelo gênero, que é utilizado pelos interlocutores. Como reforça Soares (2001:62), os “erros” são preciosos indicadores do processo de construção da escrita, pois revelam as hipóteses com as quais a criança atua, portanto, fundamentais para a compreensão da lógica da aprendizagem. O professor, tendo em mente uma nova concepção de língua escrita, distinguirá a “redação – o exercício de mostrar que se sabe ortografar, que se sabe construir frases, que se sabe preencher um esquema – e a produção de texto – o estabelecimento de interlocução com um leitor.”

É preciso quebrar o tabu dos exercícios mecânicos e controlados de redação escolar. Não é possível que ainda hoje professores coíbam a expressividade e toda a criatividade que aflora naturalmente dos alunos. É um equívoco a produção textual realizada apenas para verificação ou aplicação do sistema gráfico da língua e de suas regras e convenções. Também não é possível continuar com atividades em que as próprias condições de escrita são controladas, um texto em que o redator encontra-se em uma camisa de força, submetendo-se a responder questões pré-estabelecidas, um roteiro obrigatório. Afinal de contas, de quem é o texto? Do aluno ou do professor? Nesses casos, justifica-se a postura de desânimo e desmotivação apresentada por muitos alunos em sala, no momento da produção textual.

6. Considerações Finais

Felizmente, o aprendiz é sujeito em seu processo de descoberta e aprimoramento. E o professor será um excelente intermediador se auxiliá-lo no percurso de desvendar, através de situações reais e concretas, a importância, a função, a aplicabilidade dos gêneros textuais em sua vida. Seja através da escrita ou da oralidade, que o aluno perceba por quê, com que intenções, como, quando, onde e através de que recursos lingüísticos e composicionais ele pode se expressar e, neste caso, não somente como aprendiz, mas como cidadão e agente em sua sociedade.

RESUMO: Este texto investiga o conceito de gênero textual, sua função social e seu papel no ensino, como elucidar passos para uma exposição didática, clara sobre os gêneros em sala e sua produção escrita. Ao abordá-los, necessitamos identificar a esfera de atividades em que eles se constituem e atuam, além do modo como são produzidos, circulados e recebidos pelos interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: gêneros textuais; aspectos sócio-comunicativos; produção escrita.

ANEXOS

1. Um folheto de programação de filmes da empresa Cinesystem, referente ao período 17/09 a 23/09/04

ESTACIONAMENTO GRATUITO # www.cinesystem.com.br # PROGRAMAÇÃO DE 17/09 a 23/09/04



PROGRAMAÇÃO
Shopping Cidade





GARFIELD
(Garfield)
Censura Livre, Comédia, 2004, Português
Garfield dublado por Antônio Callone
A vida do famoso gato Garfield vira de cabeça para baixo quando seu amigo canino, Odie, é sequestrado por um treinador de cães.

Todos os dias
Horário: 14h30

1



A VILA
(The Village)
Censura 14, Suspense, 2004, Inglês
Com Joaquin Phoenix, Bryce Dallas e Howard William
Os habitantes de uma vila isolada convivem com a ameaça de misteriosas criaturas, que vivem no bosque que cerca a local.

Todos os dias
Horário: 17h-19h20-21h40

1



ALIEN VS. PREDADOR
(Alien vs. Predator)
Censura 14, Terror, 2004, Inglês
Com Sanna Lathrop, Lance Henriksen e Raoul Bova
Dois raças alienígenas se enfrentam em uma pirâmide até então desconhecida, localizada na Antártica.

Sexta-Sábado Domingo a Quinta
Horário: 18h-18h Horário: 18h-18h-22h

2



IRMÃOS DE FÉ
Censura Livre, Drama, 2004, Português
Com Tiago Lacerda, Padre Marcelo Rossi e Dilton Bastos
Após ser preso na FEBEM, um jovem revoltado recebe de um padre uma Bíblia, marcada na história de vida do apóstolo Paulo.

Todos os dias
Horário: 14h-20h

2



A SUPREMACIA BOURNE
(The Bourne Supremacy)
Censura 14, Ação, 2003, Inglês
Com Matt Damon, Franka Potente e Joan Allen
Após dois anos levando uma vida anônima, Tom é descoberto e precisa enfrentar antigos inimigos.

Sábado
Horário: 22h

2



SHOW DE VIZINHA
(The Girl Next Door)
Censura 14, Comédia, 2004, Inglês
Com Ewan Hirsch, Elisha Cuthbert e Nicholas Downs
Um jovem se apaixona por sua vizinha, até que descobre que ela foi uma atriz pornô antes de conhecê-lo.

Sexta
Horário: 22h

2



REI ARTHUR
(King Arthur)
Censura 12, Drama, 2004, Inglês
Com Clive Owen, Stephen Gillian e Keira Knightley
Arthur decide permanecer na Bretanha, na intenção de liderar a luta contra ameaças externas e para uma nova era de glórias.

Todos os dias
Horário: 14h30-17h-19h30-21h50

3



YU-GI-OH
(Yu-Gi-Oh)
Censura Livre, Infantil, 2004, Português
Um jogo de cartas que contém poderes místicos motiva o resuscitamento de um demônio, que deseja conquistar o planeta.

Todos os dias
Horário: 14h20

4



O TERMINAL
Censura 12, Drama, 2004, Inglês
Com Tom Hanks, Catherine Zeta-Jones e Stanley Tucci
Impedido de entrar nos Estados Unidos devido a um golpe de estado em seu país, um homem fica preso em um terminal de aeroporto.

Sexta, Domingo a Quinta Sábado
Horário: 18h20-19h30-22h 18h20-19h30

4



SHOW DE VIZINHA
(The Girl Next Door)
Censura 14, Comédia, 2004, Inglês
Com Ewan Hirsch, Elisha Cuthbert e Nicholas Downs
Um jovem se apaixona por sua vizinha, até que descobre que ela foi uma atriz pornô antes de conhecê-lo.

Sábado
Horário: 22h

4



ANACONDA 2
Censura 14, Suspense, 2003, Inglês
Com Morris Chestnut, Nicholas Gonzales e Eugene Byrd
Cientistas partem em uma missão de encontrar uma espécie de aranhas que pode ser a tonta da juventude.

Todos os dias
Horário: 14h-15h50-17h40-19h40-21h40

5



Beijo vale destaque no Cinesystem Cinemas
Toda quinta, no Cinesystem Cinemas na troca de um beijo, diante da bilheteria, o casal paga R\$8,00 por 2 ingressos.

INGRESSOS CINESYSTEM CINEMAS

<p>SEGUNDAS*, QUARTAS*, E QUINTAS*</p> <p>Até as 17h00: 6,00 (inteira) - 3,00 (meia) Após as 17h00: 7,00 (inteira) - 3,50 (meia)</p>	<p>SEXTAS, SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS</p> <p>Todas as sessões 10,00 (inteira) - 5,00 (meia)</p>	<p>TERÇAS*</p> <p>INGRESSO - R\$ 0,00 PREÇO PROMOCIONAL: R\$ 4,00 - todas as sessões</p>
---	--	--

*EXCETO QUINTAS

Av. Mal. Floriano Peixoto, 4984 - Vila Hauer

DISK - CINESYSTEM: 315 0090
ATENDIMENTO ELETRÔNICO 24h

G

Domingo, 19 de setembro de 2004

GAZETA DO POVO

CLASSIFICAÇÕES: ← Indicado. GGGGG Excelente. GGGG Muito bom. GGG Bom. GG Regular. G Fraco. 1/2 Intermediário. N/A Não-avaliado. Informações a serem incluídas no roteiro devem ser enviadas pelo e-mail: cademog@gazetadopovo.com.br

ROTEIROS

ESTRÉIAS

Rei Arthur

(King Arthur. EUA, 2004). Com Clive Owen, Keira Knightley e Ioan Gruffudd. Direção de Antoine Fuqua. Antes de deixar a Bretanha, o jovem Arthur conta com o apoio da bela Guinevere e dos Cavaleiros da Távola Redonda em uma missão, que acaba fazendo com que ele permaneça no reino. Aventura. 130 min. Censura 12 anos.

CINESYSTEM 3 às 14h30, 17h, 19h30 e 21h50. CURITIBA 3 às 14h, 16h30, 19h e 21h30. CINEMARK MUELLER 3 às 11h20, 14h20, 17h05, 19h45 e 22h30. CINEMARK BARI-GÜI 1 às 12h30, 15h15, 18h e 21h. ESTAÇÃO 1 às 13h, 15h40, 18h20 e 21h. ÁGUA VERDE 2 às 14h20, 16h45, 19h e 21h25. GGG1/2

Evandro Teixeira – Instantâneos da Realidade

(Brasil, 2003). Direção de Paulo Fontenelle. Documentário sobre a carreira do fotógrafo Evandro Teixeira, com depoimentos de Chico Buarque, Sebastião Salgado, Marcos Sá, entre outros. Documentário. 76 min. Censura livre.

CINEMATECA às 17h e 21h. N/A

EM CARTAZ

Colateral

(Collateral. EUA, 2004). Com Tom Cruise, Jamie Foxx e Jada Pinkett Smith. Direção de Michael Mann. Ao chegar em Los Angeles, assassino de aluguel seqüestra um táxi no intuito de matar cinco testemunhas-chave de um processo contra um cartel de narcotráfico e fugir do FBI. Ação. 116 min. Censura 16 anos.

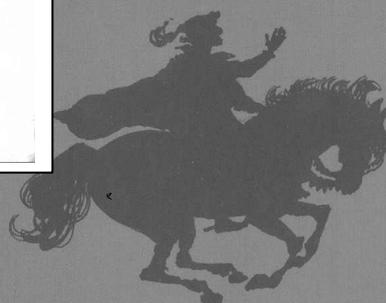
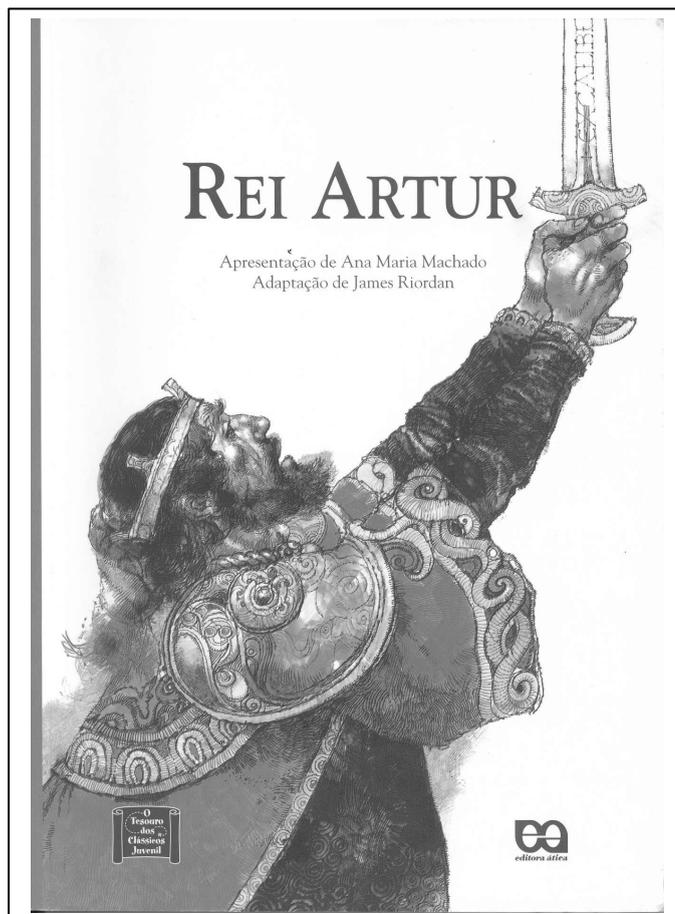
CINEMARK BARI-GÜI 3 às 16h15, 18h55 e 21h30. ESTAÇÃO 4 às 16h, 18h30 e 21h25. PLAZA às 17h55. PORTAL 1 às 21h50. CRYSTAL 4 às 14h, 16h30, 19h e 21h20. GGGG

Redentor

(Brasil, 2004). Com Pedro Cardoso, Miguel Falabela e Fernanda Montenegro. Direção de Claudio Torres. O jornalista Célso Rocha se envolve em uma falcatura imobiliária. Mas ele encontra Deus e recebe a missão de consertar os seus erros e de outras pessoas. Comédia. 95 min. Censura 12 anos.

CINEMARK MUELLER 4 às 11h05 e 13h15. CINEMARK BARI-GÜI 4 às 11h20, 16h05 e 21h05. ESTAÇÃO 9 às 18h15, 20h20 e 22h25. GGGG

3. A contracapa do livro *Rei Artur*, adaptado por James Riordan, publicado pela Editora Ática, 2003.



O jovem Artur é o único que consegue arrancar a espada da pedra e assim se torna rei. As coisas porém não seriam muito fáceis. Era um tempo de magos e bruxas, duendes, gigantes, feitiçarias, o caos imperava na Bretanha. O rei Artur vai ter de lutar muitas batalhas e enfrentar grandes dificuldades para conseguir trazer paz e ordem ao seu reino.

A saga do rei Artur é muito mais que narrativas maravilhosas de um tempo antigo. O reino encantado de Camelote é a expressão do ideal da cavalaria, que foi tão importante para consolidar a civilização ocidental. Essas lendas contam a história da humanidade, por isso não têm idade e encantam sempre.



ISBN 85-06-09010-2



9 788508 090105

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. SP: Martins Fontes, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. SP: Hucitec, 1997.
- BIASI-RODRIGUES, Bernardete. A diversidade de gêneros textuais na escola: um novo modismo? *Revista Perspectiva*, Florianópolis: Ed. da UFSC, v.20, n.1, p. 49-64, jan./jun./2002.
- BONINI, A. *Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas*. Trabalhos em Lingüística Aplicada, n. 37, p. 7-23, 2001b.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: 1º e 2º ciclos do ensino fundamental - Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental - Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- CINESYSTEM. Folheto. Programação de 17/09 a 23/09/04.
- COSTA VAL, Maria da Graça. *Atividades de produção de textos escritos em livros didáticos de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental*. In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- GAZETA DO POVO. Roteiros. 19 set 2004. Caderno G, p.2.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Da fala para a escrita*. SP: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONISIO, Angela MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. RJ: Lucerna, 2002.p.19-36.
- MACHADO, Anna Rachel. *Revisitando o conceito de resumo*. .In: DIONISIO, Angela MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais e ensino*. RJ: Lucerna, 2002. p.138-150.
- RIORDAM, James (Adaptação). *Rei Artur*. São Paulo: Ática,2003.
- Rojo. Genebra. In: Revista Educação Mai/Jun/Jul/Ago 1999 N ° 11.
- SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. *Os gêneros escolares: da prática de linguagem aos objetos*. Trad. de Roxane SOARES, Magda B. *Aprender a escrever, ensinar a escrever*. In: ZACCUR, Edwiges (org.). *A magia da linguagem*. RJ: DP&A, 2001.